



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ALINE SOBRAL LARA

**AS ENCRUZILHADAS ENTRE JUVENTUDES: IDENTIDADES E ESTÉTICAS
AFROINDÍGENAS NAS PERIFERIAS DO EXTREMO SUL DE SÃO PAULO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

ALINE SOBRAL LARA

**AS ENCRUZILHADAS ENTRE JUVENTUDES: IDENTIDADES E ESTÉTICAS
AFROINDÍGENAS NAS PERIFERIAS DO EXTREMO SUL DE SÃO PAULO**

Pré-Projeto apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês como um dos requisitos à obtenção do título de Bacharela em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Míghian Danae Ferreira Nunes.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

ALINE SOBRAL LARA

**AS ENCRUZILHADAS ENTRE JUVENTUDES: IDENTIDADES E ESTÉTICAS
AFROINDÍGENAS NAS PERIFERIAS DO EXTREMO SUL DE SÃO PAULO**

Trabalho de conclusão de curso na modalidade projeto de pesquisa, apresentado ao Curso de Graduação Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Campus dos Malês, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Data da aprovação: 29/08/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Míghian Danae Ferreira Nunes (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Profa. Dra. Eliane Costa Santos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Profa. Dra. Cristiane Santos Souza

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

*“Entre a dor, a fome e a frustração,
Nós seguimos.
Seguimos a tradição.
Seguimos uma forte tradição.
Seguimos uma orgulhosa tradição.
Seguimos a tradição Preta.
Siga-a.
Transmita para as suas crianças.
Transmita.”*

-Assata Shakur.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6.
2. PROBLEMA DE PESQUISA	7.
3. OBJETIVOS	7.
3.1 OBJETIVO GERAL	7.
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	7.
4. JUSTIFICATIVA	7.
5. REVISÃO DE LITERATURA	9.
5.1 CIRANDAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	10.
6. PROPOSTA METODOLÓGICA	15.
7. CRONOGRAMA	16.
8. REFERÊNCIAS	17.

1 INTRODUÇÃO

Peço licença aos meus mais velhos e aos meus mais novos para apresentar o projeto que busca falar sobre nós, sobre a juventude periférica resistente nas metrópoles, que pretende contar histórias que nos formaram e nos fortalecem em um conceito ancestral a partir da unidade e da oralidade que nos transmitiu os fundamentos, nos ensinaram tudo o que sabemos e construiu quem somos.

Nessa pesquisa antirracista busco a importância da discussão sobre os corpos pretos e indígenas que, com suas interseccionalidades (CRENSHAW, 2002) perpassam pela etnia, gênero, classe e origem, como ferramenta política tem o poder simbólico de mostrar suas origens, suas crenças e a forma que esse ser se relaciona com o mundo.

Por meio de uma pesquisa a ser realizada nas periferias do extremo sul de São Paulo, no Grajaú bairro onde nasci e fui criada, e também em Parelheiros, que abriga a nação Guarani Mbyá, tenho como horizonte trilhar a tentativa de elucidar as identidades como alvo de investigação antropológica visual, buscando constatar a importância das culturas e das identidades étnicas como flechas para sobrevivência, assim mostrando que essas identidades também foram construídas à margem histórica de uma sociedade que tem em sua raiz processos raciais discriminatórios e o mito da democracia racial;

Para o Sociólogo Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2006): “O mito da democracia racial, portanto, não poderia ser interpretado apenas com “ilusão”, pois em grande medida fora e ainda é um ideário importante para amainar e coibir preconceitos” (GUIMARÃES, 2006, p.169).

Este trabalho pretende colaborar para a compreensão sobre a construção da identidade em um conceito periférico estabelecendo reflexões sobre como as juventudes afro-indígenas (em especial aqui a nação Guarani Mbyá) se posicionam como frente presente que salvaguarda esses fundamentos, lutando diariamente contra o racismo institucional em todas as suas instâncias.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

Com relação a este projeto, nossa pergunta central é: Como as juventudes da periferia do extremo sul de São Paulo, a saber, Grajaú e Parelheiros, através das estéticas presentes em seus corpos e cabelos, se relacionam com sua identidade racial?

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar a relação da população afroindígena jovem (mulheres e homens entre 17-27 anos), moradora do extremo sul de da cidade de São Paulo (Grajaú e Parelheiros, SP), com sua identidade racial e suas estéticas através dos cabelos, do modo como se vestem e de como lidam com seus corpos.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar a forma que a população periférica enxerga seus cabelos e corpos;
- Levantar perguntas sobre estética e ancestralidade na periferia com jovens indígenas e pretos;
- Registrar as estéticas presentes nos corpos e cabelos afro-indígenas, bem como o vestuário da juventude periférica paulistana do extremo sul.

4 JUSTIFICATIVA

A falta de produção científica referente à relação da juventude afroindígena com suas identidades no contexto sócio histórico me despertou o interesse em pesquisar esta temática.

Os estilhaços da colonização tentam ferir nossa identidade, fomentam as raízes do racismo todos os dias; assim, pensar em afetividade, autocuidado, resistência, em aquilombar e proteger nossa espiritualidade, corpos e mentes é um trabalho de base que está sendo feito pelos nossos mais velhos/as para que possamos caminhar “livres” pelas ruas, onde as pessoas nos subjugam pela nossa cor, aparência e história, reexistir é um ato de revolucionário.

As cosmosensações que a brilhante Oyèrónké OYĔWÙMÍ (1997) ritualiza como o estudo de si mesmo, constroem a minha perspectiva como uma mulher Afroindígena filha de mãe preta baiana e pai indígena portalegrense, estudante, catadora, bailarina, cosmetóloga, jongueira nova, aromaterapeuta, circense, poeta, trancista, esteticista, mulher de Axé, jovem, cria da favela do Grajaú(SP), atualmente moradora de Santo Amaro (BA); Agente política posicionada e aprendiz dos fundamentos ancestrais das memórias coletivas das minhas mais velhas e velhos, sigo a cuidar das sementes que me mantém viva nessa diáspora. Trilho caminhos que me levam a refletir as movimentações anti-racistas que trabalham para a construção das identidades, representatividades, estéticas e de afetividades.

O extremo sul da cidade de São Paulo é um lugar privilegiado no contexto da sufocante globalização, pois é banhada por olhos d'águas e represas (Billings e Guarapiranga). A proximidade do que resta da mata Atlântica brasileira, habitadas pelo povo Guarani Mbyá (a maior população indígena do Brasil), que fazem com que estéticas indígenas floresçam em um território de aproximadamente dezesseis mil hectares (delimitado pela comunidade Tenondé Porã em 2012), as sete *Tekoas*¹ localizadas no território da Tenondé Porã, são uma rede de encontros: Kalipety, Irexakã, Tape Miri, Krukutu, Guyrapaju, Kuaray Rexakã. Povos de força identitária importante para compreensão e composição da periferia do extremo sul da cidade de São Paulo. Em encruzilhadas de diálogos entre os povos, nos questionamos: Como as juventudes pertencentes a um povo não branco se relacionam com suas identidades? De que forma os corpos se conectam com suas memórias ancestrais?

Tia Tereza pedagoga do Grajaú, um dia me contou que o nome da nossa região era indígena e que significava cesto; ao pensarmos filosoficamente o quanto o cesto pode carregar em suas histórias, os caminhos das pessoas que buscavam estar próxima das águas e que utilizavam sementes para criar adornos e, com

¹ Tekoas para os Guaranis Mbyás é equivalente à aldeia.

formas naturais, cuidar da comunidade e de si, outros caminhos que vão além da especulação imobiliária para as perdas dos rios – o Sucupira hoje é um córrego -, além da favelização e violências contra os corpos que resistem da ponte pra lá; outros caminhos que tem força no hip hop, nas expressões circenses, nos terreiros, nas encruzilhadas que enfeitam corpos com suas identidades. Munanga (2012) diz que o corpo é a sede material da identidade. Sendo o corpo a vitrine que demonstra toda a ancestralidade, história e identidade. Para Gomes (1999), as suas formas de localização, a mediação entre o espaço e o tempo e seus símbolos, tudo isso é encontrado no corpo.

Aqui encontramos mais uma encruzilhada: As (os) moradoras(es) do meu bairro compreendem como os seus cabelos e corpos comunicam? As pessoas negras e indígenas sofrem para mudar suas aparências? Por que existe essa cobrança sobre a estética desses corpos?

Esse trabalho se justifica porque é preciso brotar epistemologias que contenham suas próprias narrativas, firmadas em sua localização, que reflita de que forma o corpo para nós afroindígenas, têm o poder de demonstrar o que você é para o mundo.

5 REVISÃO DE LITERATURA

Já existe uma contribuição relevante da etnologia brasileira acerca das reflexões sobre as juventudes. O conceito de juventude tem sua ascendência nas ciências sociais, que entende o parâmetro de juventude como conceito-processo que não se mantém estável e vive em constantes transformações (GROPPO, 2000 apud OLIVEIRA; TRANCOSO, 2014). As juventudes vem ganhando voz ativa nas cenas públicas, nas periferias, nas escolas, saraus, *slam's*, batalhas de rimas, no Rap, mídias, plataformas digitais e em estudos acadêmicos, que reconhecem essas juventudes como uma categoria social expressiva (SILVA, 2007).

Para a Mestra em educação Julia Paiva Zanetti:

Esse maior reconhecimento e legitimação na cena pública vêm demandando formas de participação ligadas ao exercício de uma cidadania especificamente juvenil, na qual os(as) jovens começaram a se reconhecer e a pressionar para serem reconhecidos(as) pela sociedade com seus direitos e interesses específicos. Certamente, esse novo

contexto contribuiu para o empoderamento e valorização da identidade juvenil também no interior dos movimentos sociais (ZANETTI, 2011, p. 50)

As relações étnico-raciais também estão presentes nesse cesto que é o extremo Sul de São Paulo. Os pedagogos Rodrigo Ednilson de Jesus e Juliana Batista dos Reis explicam que: “Quando falamos em relações étnico-raciais, estamos nos referindo às interações entre pessoas pertencentes, ou vistas como pertencentes, a diferentes grupos raciais e étnicos” (JESUS; REIS. 2014, p.12.) Cabe ressaltar a existência de uma vasta diversidade cultural quando esses grupos se encontram. Para a antropóloga carioca, Cecília Campello do Amaral Mello esse encontro seria o afroindígena:

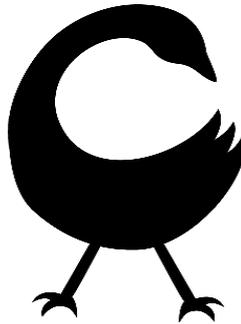
O conceito de afroindígena seria da ordem do devir, funcionando, por um lado, como um meio, um intercessor por onde passam ideias, ações políticas, obras de arte e seres do cosmos, e, por outro lado, como um produto inacabado ou efeito provisório de encontros singulares que envolveriam fluxos de “história” e “memória”; pessoas e técnicas; uma relação de aliança entre antepassados africanos e indígenas e a criação de esculturas, aqui entendida como um processo automodelador de subjetividades. (MELLO, 2014, p.223.)

Dessa forma, os afroindígenas são pessoas que reconhecem que em seus corpos existem encruzilhadas de identidades, baseadas em sua ancestralidade africana e indígena.

5.1 CIRANDAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Para o potente intelectual Kabengele Munanga em seu livro *Negritude: Usos e sentidos* (2009) existem três fatores fundamentais para a construção da identidade: o primeiro fator é o histórico, que consolida a consciência para o reencontro com suas raízes ancestrais, é o fator que abre os caminhos trazendo segurança e solidez em nossa memória coletiva; represento o fator histórico aqui com o símbolo da Sankofa, o pássaro que olha para trás, mas caminha em frente:

Figura 1 - Sankofa



Fonte: Acervo Ocupação Abdias Nascimento, 2019

O segundo fator é o linguístico, que para a pesquisa falaremos sobre as outras formas de linguagens, aqui questionamos de que forma nos comunicamos através dos cabelos e penteados, para Munanga sendo marca de identidade. Essa comunicação é uma via de mão dupla, pois antes de atingir a história e a cultura, ela se manifesta no corpo.

O terceiro fator é o psicológico, que trabalha como superar os complexos projetados na identidade, é o momento de se ancorar na memória coletiva e entender que o processo de inferiorização só poderá ser superado a partir da identificação. Para compreender essa relação da identidade negra, trago o que ele entende sobre esse processo:

O negro tem problemas específicos que só ele sozinho pode resolver, embora possa contar com a solidariedade dos membros conscientes da sociedade. Entre seus problemas específicos está, entre outros, a alienação do seu corpo, de sua cor, de sua cultura e de sua história e consequentemente sua “inferiorização” e baixa estima; a falta de conscientização histórica e política, etc. (MUNANGA, 2009, p.19)

O cabelo por sua vez faz parte dessa representação; para a pedagoga Danielle Christina do Nascimento Oliveira (2016) em seu texto “Meu cabelo Não é só estética”, é também é política, existem narrativas visuais, que:

Nesse sentido suas histórias deixam de ser apenas oral/escrita e passam a ser também visuais, considerando que nessas histórias podemos perceber que o uso de seus cabelos deixa de ter caráter exclusivamente estético, passando a ser também político, devido ao grau de envolvimento dessas mulheres em relação às suas. (OLIVEIRA, 2016, p. 219)

O ativista estadunidense Malcolm X foi um dos maiores defensores dos direitos dos pretos nos Estados Unidos, sábio certa vez em seu discurso² “Quem te ensinou a te odiar” (1962) disse:

Quem te ensinou a odiar a textura do seu cabelo? Quem te ensinou a odiar a cor da sua pele de tal forma que você passa alvejante para ficar como o homem branco? Quem te ensinou a odiar a forma do nariz e a forma dos seus lábios? Quem te ensinou a se odiar do topo da cabeça para a sola dos pés? Quem te ensinou a odiar pessoas que são como você? Quem te ensinou a odiar a raça que você pertence, tanto assim que você não quer estar entre outros como você? (X, 1962).

Em um estado laico onde sobrevivemos ao mito da democracia racial, representatividade é “luxo” e as periferias marginalizadas não dispõem desse luxo, seja na TV ou nas revistas, no *Instagram*, *Facebook*, nas escolas e nas universidades.

Para entender como, devemos analisar como esses povos são representados nessa mídia, que nitidamente assume o padrão eurocêntrico como belo e elimina tudo e todos que transbordam esse padrão de beleza; mas afinal, o que é beleza? O dicionário online Priberam (2008) define beleza por: “Perfeição agradável à vista e que cativa o espírito; qualidade do que é belo”.

Como as contribuições da norte-americana, defensora dos direitos humanos, Kimberlé Crenshaw acerca do tema da interseccionalidade que observa como as diferentes criminalizações operam juntas para negar o acesso a direitos, e o estabelecimento dos privilégios que representam os excessivos direitos assegurados que no mundo contemporâneo se restringem a pessoas de características físicas e sociais de origem caucasiana, dentro de um sistema patriarcal e de lógica e relações capitalistas. Assim quando falamos de identidade, falamos sobre cultura, educação, estética, resistência, auto-cura e como Sobonfu Somé (1997) nos ensina é preciso alcançar a intimidade através dos rituais e do cuidado de si e da comunidade.

² Canal Afrobrasileiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TIEJJVEaRGk>. Acesso em: 26.ago.2019.

6 PROPOSTA METODOLÓGICA

Para realização da pesquisa, será utilizada a metodologia de caráter qualitativo. Assim iremos registrar escrituras (EVARISTO, 2006) que abordam o tema sobre as estéticas, cabelo, moda, identidades, reconhecimento, corporalidades, as ancestralidades, histórias, racismo, autonomia e afetividade. Para a elaboração do projeto utilizei para embasamento sobre a temática o artigo “Juventude e Diversidade Étnico-Racial” (JESUS, Rodrigo Ednilson de; REIS, Juliana Batista. 2014) a fim de problematizar os reflexos sobre as juventudes e suas identidades.

Através de coleta de dados por entrevistas (BONI, Valdete; JUREMA, Silvia Quaresma. 2005), (DUARTE, Rosália, 2004), semiestruturadas com dez moradores/as do Grajaú e Parelheiros, indígenas e pretas que tem suas vivências imersas a questões sociais, econômicas e culturais.

Essa pesquisa é baseada na oralidade, mas também é um trabalho em que realizei um levantamento bibliográfico, baseado em artigos científicos encontrados em portais de periódicos (CAPES, CNPQ), dissertações e teses, além de revistas científicas que abordam temas como estética, ancestralidade, antropologia, etnografia e história.

Essa interpretação dos dados tem como objetivo contribuir com as discussões em torno da identidade, buscando promover um diálogo primeiro com as/os próprias/os moradoras/es jovens Parelheiros no extremo sul (Povo Guarani Mbyá) e do Grajaú, para que se sintam representadas (os), mas também na promoção de um diálogo com a comunidade acadêmica, para que a identidade seja interpretada como um objeto de investigação da antropologia visual (RIBEIRO,2004) visto como ela é importante no processo de construção e sobrevivências desses povos uma vez subjugados.

7 CRONOGRAMA

Semestres	2019.2	2020.1	2020.2	2021.1
Levantamento bibliográfico sobre: Identidades, belezas e juventudes no Grajaú e Parelheiros.	x	X		
Visitas: Indígenas - Povo Guarani - Mbyá Tekoa Tenondé Porã			x	
Entrevistas: Com as pessoas escolhidas para participarem da pesquisa sobre: Corpos, juventudes, estéticas e autocuidado nas perspectivas indígenas na Tekoa Tenondé Porã. Autocuidado do Povo Preto. Corpos jovens e suas estéticas de resistência no Grajaú.		x	x	
Análise do material recolhido nas entrevistas.		x	x	
Revisão do levantamento bibliográfico.				X
Escrita da Monografia.			x	X
Revisão da primeira versão escrita da monografia.				X
Defesa da monografia				X

***Sujeito a alterações conforme o trilhar da pesquisa.**

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Zenaide. CORREA, Licinia Maria. MAIA, Carla Linhares. Cadernos temáticos: **Juventude brasileira e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

"**BELEZA**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008. <https://dicionario.priberam.org/beleza>. Acessado em 24/08/2019.

BENTO, L. B. "**Para ficar bonita tem que sofrer!**": a construção de identidade capilar para mulheres negras no nível superior. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Rio de Janeiro: UFRJ.

BONI, Valdete; JUREMA, Silvia Quaresma. **Aprendendo a entrevistar**: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2. 2005.

CRENSHAW, Kimberlé. **A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero**. Revista Estudos Feministas, nº1, 2002.

DAVIS. Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Curitiba, n. 24, Editora UFPR, 2004.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência em Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

FIGUEIREDO, Ângela. Cruz, Cintia. **BELEZA NEGRA**: Representações sobre cabelo, corpo e a identidade das mulheres negras. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. 158 p.:il. (Coleção UNIAFRO; 16).

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. São Paulo: USP, 2002. Tese (Doutorado).

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolo de identidade negra. Belo Horizonte. Autêntica 2006.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte, Mazza Edições, (1995).

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. **Depois da democracia racial**. São Paulo, 2006.

HOOKS, Bell. **Olhares Negros**: Raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. Título original: "Black Looks: Race and Representation"

MALCOLM X. **Quem te ensinou a se odiar**. Discurso disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TIEJJVEaRGk>>. Acesso em: 26.ago.2019.

MELLO, Cecília C. do A. **Devir-afroindígena: então vamos fazer o que a gente é**. UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

OLIVEIRA, D. C. N. **Meu cabelo não é só estética, é também é política: os movimentos sociais e as narrativas visuais**. Revista da ABPN, <http://abpnrevista.org.br/revi>, v. 8, p. 217 - 230, 31 out. 2016.

OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto; TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha. **Juventudes: desafios contemporâneos conceituais**. ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade, Niterói, 2014.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses**. Minneapolis: University of Minnesota Press. Grupo de Estudos com Mariele Conceição. 2018/19. 1997.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia de letras, 2001.

SANKOFA. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/>>Acessado em 26.ago.2019.

SILVA, J. C.G. **Juventude e segregação urbana na cidade de São Paulo: os números da vulnerabilidade juvenil e a percepção musical dos rappers**. São Paulo, 2007.

SOMÉ, Sobonfu. **Espírito da Intimidade: Ensinaamentos Ancestrais Africanos Sobre Relacionamentos**. São Paulo: Odysseus Editora, 2007.

SHAKUR. Assata. **Quilombo X Ação Cultura Comunitária. "Reaja ou será morta/o"**. Assata Shakur: escritos. Reaja: Brasília, 2016

RIBEIRO, J. da S. **"Antropologia visual: da minúcia do olhar ao olhar distanciado"**. Porto, Edições Afrontamento, 2004.

RODRIGUES, J. C. **"O tabu do corpo"**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

TENONDÉ. Porã. **A história dos Guaranis Mbyas**. Disponível em <<https://tenondepora.org.br/>> acesso em 10/08/2019.

ZANETTI, Julia Paiva. **"Jovens feministas do Rio de Janeiro: trajetórias, pautas e relações intergeracionais"**. Rio de Janeiro, 2011.